

A literatura do trauma e o relato testemunhal em *Tudo o que tenho levado comigo*, de Herta Müller

Marinês Andrea Kunz¹

Lovani Volmer²

Juracy Assmann Saraiva³

Resumo: Este artigo centra-se na análise da obra *Tudo o que eu tenho levado comigo*, de Herta Müller, que expõe as condições de trabalho, o sofrimento humano e a repressão sofridas pelo protagonista em um Gulag, no período após a 2ª Guerra Mundial, na União Soviética. Empreende-se, portanto, o estudo da narrativa com base na teorização sobre memória, o relato testemunhal e a literatura do trauma, amparado em Ricover (1997; 2007), Hobsbawm (1995), Ginzburg (2000; 2008), Seligmann-Silva (2002; 2003; 2008), entre outros. A obra permite a reflexão acerca da história a partir do relato testemunhal do protagonista, do que deriva uma perspectiva a partir do interior do fato histórico. Assim, a literatura aproxima-se da história, e ambas entrecruzam-se, complementando-se. A ficção exerce, pois, seu papel de desvendamento, na medida em que aborda a matéria da vida transmutada discursivamente, por meio da *mise en intrigue*.

Palavras-chave: Literatura do trauma; História; Gulag; Herta Müller.

Zusammenfassung: Dieser Artikel konzentriert sich auf die Analyse des Werks „Tudo que tenho levado comigo“ von Herta Müller, das die Arbeitsbedingungen, das menschliche Leid und die Unterdrückung aufdeckt, die der Protagonist in einem Gulag in der Zeit nach dem Zweiten Weltkrieg in der Sowjetunion erlitten hat. Daher erfolgt die Untersuchung der Erzählung auf der Grundlage von Theorien über das Gedächtnis, dem Erfahrungsbericht und der Traumaliteratur, unterstützt von Ricover (1997; 2007), Hobsbawm (1995), Ginzburg (2000; 2008), Seligmann-Silva (2002; 2003; 2008), unter anderem. Das Werk ermöglicht eine Reflexion der Geschichte auf der Grundlage der Erfahrungsberichte des Protagonisten, die eine Perspektive aus der historischen Tatsache ableiten. Somit steht die Literatur in der Nähe der Geschichte, und beide greifen ineinander und ergänzen sich. Fiktion spielt daher die Rolle der Enthüllung, da sie sich mit der Frage des Lebens befasst, das durch *Mise en Intrigue* diskursiv umgewandelt wird.

Keywords: Trauma-Literatur; Geschichte; Gulag; Herta Müller.

Introdução

O século XX assinalou um período de colapso da civilização com conflitos internacionais de toda ordem, como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã, por exemplo, em uma era lembrada por um dos maiores genocídios cometidos contra a humanidade. As guerras perduraram por anos, ceifando milhares de vidas e destruindo nações por completo. Neste artigo interessa-nos a 2ª Guerra Mundial, que

¹ Doutora em Letras pela PUCRS; Professor Adjunta no curso de Pedagogia da UFPB. marinesak5@gmail.com.

² Doutora em Letras pela UCS/Uniritter; Professora da Universidade Feevale, Novo Hamburgo. lovaniv@feevale.br

³ Doutora em Letras pela PUCRS; Professora da Universidade Feevale, Novo Hamburgo. juracy@feevale.br

envolveu praticamente todos os Estados independentes do mundo e foi justificada por questões religiosas ou, utilizando outro termo, por questões de ideologia.

Foi também, e demonstravelmente, uma luta de vida ou morte para a maioria dos países envolvidos. O preço da derrota frente ao regime nacional-socialista alemão, como foi demonstrado na Polônia e nas partes ocupadas da URSS, e pelo destino dos judeus, cujo extermínio sistemático foi se tornando aos poucos conhecido de um mundo incrédulo, era a escravização ou a morte. Daí a guerra ser travada sem limites. A Segunda Guerra Mundial ampliou a guerra em guerra total. (HOBSBAWN, 1995, p. 50)

Ademais, para além da guerra, interessam-nos fatos pós-guerra, especialmente os ocorridos na União Soviética e que, por muito tempo, foram ocultados do mundo, como a intensificação do sistema de campos de prisioneiros e de trabalhos forçados. Nesse sentido, embora o conceito de humanidade tenha sido ressignificado, ganhando novas definições, e embora a derrota da Alemanha, em maio de 1945, tenha sido entendida como o fim de um período de barbáries cometidas contra a humanidade, o quadro do pós-guerra era desastroso. Em torno de 40,5 milhões de pessoas estavam desenraizadas na Europa, um milhão de crianças polonesas, além de outras 20 mil alemãs, perambulavam em meio aos escombros à procura de suas famílias. Além disso, a fome continuou a assolar a população, uma vez que a economia das nações havia se voltado para a produção de armamento, deixando outros setores, como o alimentício, em segundo plano. Mulheres, crianças, velhos e prisioneiros foram os responsáveis pela reconstrução de seus países.

Podemos elencar extensa lista de filmes e romances sobre essa guerra, além da manutenção de espaços e monumentos com caráter educativo, que intentam manter a história viva, para que tais horrores não se repitam. No âmbito da literatura, há narrativas ficcionais e outras de testemunho, que relatam as trágicas memórias de sobreviventes e denunciam as crueldades vivenciadas, iluminando no presente as injustiças cometidas no passado (BENJAMIN, 1992).

A ênfase nessas produções recaiu na maior parte sobre os horrores do Holocausto empreendido pelos nazistas e, com menor enfoque, sobre o que ocorreu na União Soviética após o término da guerra, que acarretou a repatriação de grande contingente de pessoas, das quais um sem-número foi exterminado ou enviado aos campos de prisioneiros, que, acreditava-se, impulsionavam a economia soviética.

A escritora e jornalista Anne Appelbaum busca explicar tal falta de interesse pela realidade soviética pela prevalência da ideia de que o sistema comunista primava pela igualdade e o bem comum, de modo que não se lhe poderia atribuir os mesmos horrores cometidos pelo sistema nazista: “Ninguém quer saber que a vitória Aliada teve outro lado,

mais sombrio, ou que os campos de Stalin, nosso aliado, se expandiam justamente quando os de Hitler, nosso inimigo, eram libertados” (APPELBAUM, 2008, s.p.).

Outro aspecto foi o fato de que não havia muitas informações sobre esses campos, cujos dados eram mantidos em segredo. Paulatinamente, contudo, com a abertura de arquivos secretos durante a *glasnost* empreendida na Rússia por Mikhail Gorbatchev, no final dos anos 1980, com o apoio de dissidentes soviéticos instalados em países ocidentais e do movimento dos Direitos Humanos, informações sobre os campos de prisioneiros e de trabalho forçado, os Gulags, vieram à tona:

Literalmente acrônimo para Glavnoe Upravlenie Lagerei, ou "Administração Central dos Campos", palavra que por fim passou a descrever todo o sistema soviético de punição e trabalhos forçados voltado a prisioneiros criminais e políticos, crianças e mulheres - espalhavam-se por todo o país, da gélida Sibéria às inóspitas regiões da Ásia Central, passando pelas florestas dos Urais e os subúrbios de Moscou. Eles surgiram antes mesmo de seus infames contrapartes nazistas como Auschwitz, Sobibor e Treblinka, e continuaram a crescer muito tempo depois do fim da Segunda Guerra Mundial. Mas só agora, após o colapso do comunismo, a história desse sistema de repressão e punição que aterrorizou milhões vem à luz com toda a sua força. (APPELBAUM, 2008, s.p.)

Esses campos foram expandidos sob a mão de ferro de Stálin, considerado autocrata cruel e sem escrúpulos e seus planos de industrialização ocuparam “uma força de trabalho de entre 4 e 13 milhões de pessoas prisioneiras (os *gulags*)” (Hobsbawn, 1995, p. 371). Hobsbawn acrescenta ainda que

É provável que jamais se possa calcular adequadamente o custo humano das décadas de ferro da Rússia, pois mesmo as estatísticas oficiais de execução e da população dos *gulags* existentes, ou que podem vir a tornar-se disponíveis, não podem cobrir todas as perdas, e as estimativas variam enormemente dependendo da suposição feita pelos estimadores. (1995, p. 382).

Nessa perspectiva, a literatura, compreendida como registro da memória, assume papel crucial, o que nos leva ao objetivo deste estudo, que consiste em analisar o romance *Tudo o que tenho levado comigo*, da escritora romena Herta Müller — obra contemporânea, enquadrada na literatura do trauma, que, na forma de relato testemunhal, apresenta vivências de um sobrevivente de um Gulag.

Literatura do trauma

Hobsbawn (1995, p. 282) afirma que “quando enfrentam o que seu passado não as preparou para enfrentar, as pessoas tateiam em busca de palavras para dar nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo nem entendê-lo”. Assim, a literatura do trauma surgiu no final da Segunda Guerra Mundial, mais especificamente após a

libertação dos campos de concentração espalhados pelo território europeu (ANTONELLO, 2016). Com o tempo, incluíram-se no gênero relatos sobre a violência racista e os abusos cometidos nas ditaduras nas Américas e na África. Como exemplo, podemos mencionar as obras *Se isto é um homem* e *A Trégua*, do escritor italiano Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz-Birkenau, na 2ª Guerra Mundial, e *Arquipélago de Gulag*, de Alexander Soljenítsin, preso por onze anos, em Kolima, um dos campos de trabalho forçado. Sua narrativa se baseia nas cartas e nos relatos de duzentas e trinta e sete pessoas, que lhe confiaram sua experiência.

As narrativas da literatura do trauma são, portanto, provenientes de pessoas que sobreviveram às violências física e psíquica e que buscam, por meio do testemunho, a libertação desse passado. Hartmann (2000, p. 214) destaca que as testemunhas

lembram de fatos com uma clareza impressionante. Ao mesmo tempo, frequentemente se sentem como se nunca tivessem deixado o lugar no qual tantos morreram. Eles também parecem ter morrido durante aqueles anos terríveis, sendo agora fantasmas que se autoperseguem.

Os relatos nascem, pois, da experiência traumática da qual foram vítimas, e seus testemunhos são decorrentes do trauma. Ao tratar de qualquer situação de violência da qual o autor foi vítima, essa literatura está ligada ao trauma e apoia-se em um paradoxo: a necessidade de escrever aquilo que é impossível ser escrito, já que sobreviventes acreditam que seu relato apenas tangencia o que foi experienciado. O trauma não cabe nas palavras, pois estas não expressam a intensidade do sofrimento:

Nós todos sabíamos que nunca, nunca diríamos o que era preciso dizer, nunca exprimiríamos em palavras coerentes, inteligíveis, nossa experiência de loucura absoluta. A caminhada pela noite abrasadora, o silêncio antes e durante as seleções, a prece monótona dos condenados, o Kaddish dos moribundos, o medo e a fome dos doentes, a dor e a vergonha, os olhares alucinados, os olhos esgazeados: nunca saberia dizê-los. As palavras me pareciam gastas, bobas, inadequadas, maquiadas, anêmicas; eu as queria ardentes. (Wiesel, 1984, p. 8 *apud* ANTONELLO, 2016, p. 107).

Assim, é complexo compreender os traumas sofridos e representá-los mediante as limitações dos recursos de linguagem convencionais. A forma como ocorreram os extermínios, a violência e a radicalidade não podem ser representados em moldes tradicionais, pois acabariam por banalizar a catástrofe. O terror do massacre no Holocausto leva escritores a fugir das estruturas convencionais de representação, pois, de acordo com Jaime Ginzburg (2000, p. 47),

Representar a experiência da catástrofe em proporções tais como as que a História nos mostrou no século XX implica, necessariamente, uma renúncia aos modos convencionais de representação, pois estes seriam incapazes de preservar a singularidade da experiência e a perplexidade que deve acompanhá-la.

Essa afirmação é verdadeira também para os sobreviventes de outras situações traumáticas de violência, como a prisão em Gulags. Relatar os traumas vividos é, pois, uma forma de desenterrar a sua própria história para viver a vida no presente. Nesse sentido, sobreviventes de campos de concentração costumam referir-se a si mesmos em terceira pessoa, pois não existe identificação com o eu fora dos campos.

Nessa perspectiva, Seligmann-Silva (2008) afirma que a literatura de testemunho, em função de sua relação com o trauma e o que não é passível de representação, viabiliza uma literatura que se ocupa de eventos encontrados fora da representação, da simbolização e do sentido, ou seja, trata de um evento que resiste a toda e qualquer forma de representação. Nesse caso, presenciamos um paradoxo, pois o autor de um testemunho deverá narrar aquilo que, a priori, não é passível de ser narrado. É sobre esse contrassenso que se ergue a literatura de testemunho, motivo pelo qual ela coloca em evidência uma face da literatura, pautada, principalmente, na literalidade narrativa.

Antonello (2016), por sua vez, defende que o testemunho não é uma obra de ficção e que os eventos ocorridos nos campos de concentração e extermínio foram revelados ao mundo por aqueles que estiveram lá, sobreviveram e puderam contar a sua história. Sendo assim, os relatos testemunhais tornam-se fontes de documentos históricos e dão voz àqueles que foram forçadamente emudecidos. Já Ginzburg (2008, p. 2) destaca:

García considera a escrita de testemunho uma forma nova de criar literatura, em contrariedade à tradição canônica (GARCÍA: 2003, 12). Caracteriza sua especificidade uma conexão direta dos textos com a defesa de direitos civis, em contrariedade a autoritarismos institucionais. Relatos testemunhais surgem associados a abusos de Estado, em solidariedade às vítimas e em atenção crítica à violência.

Seligmann-Silva (2002) pondera, ainda, que “o testemunho não deve ser confundido com o gênero autobiográfico nem com a historiografia - ele apresenta uma outra voz, um canto - ou lamento - paralelo, que se junta à disciplina histórica no seu trabalho de colher os traços do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2002, p.16). O relato testemunhal é, dessa forma, um meio de complementar, pelo relato das vivências dos sobreviventes, uma parte da história que busca ser esquecida ou mesmo ocultada, como é o caso dos campos soviéticos.

Nas palavras de Ettore Finazi-Àgro (2012, p. 81-82):

Quem pode prestar ouvido e denunciar, refletir e protestar sobre os infundáveis atos de violência cometidos contra quem não possui poder algum? A Literatura, porque reinventa a realidade, dá a conta do impossível e mostra só o que poderia ser relatado pela testemunha de uma experiência de desumanidade e violência, mas que não consegue transmiti-la aos outros. É porventura essa voz despedaçada, prestes a se desfazer no choro ou na reza, tudo aquilo que nos resta, aquilo que sobra entre o agora e o fim, olhando e sendo olhados por uma

realidade que devoramos e que continua mastigando a nossa, já muito manca, humanidade.

O ato literário de narrar tem, assim, como o monumento, o objetivo de alertar para o perigo do horror, da violência, do fascismo e da supremacia de uns sobre os outros.

Primo Levi, por sua vez, reafirma essa necessidade de narrar/escrever: “Recém regressado do campo de concentração, [...] sentia uma necessidade irrefreável de contar para todo mundo o que me havia sucedido” (Levi, 1998, p. 173, *apud* ANTONELLO, 2016, p. 86). Contribui, dessa forma, com a partilha da história vista e compreendida “de dentro”, ou seja, o ponto de vista epistemológico é construído pela dor sentida no corpo, pela fome e pelos sentimentos, como o medo, o abandono, a saudade.

Nessa perspectiva, a autora do romance *Tudo o que tenho levado comigo*, Herta Müller⁴, sofreu com as perseguições à minoria de origem alemã na Romênia, e sua mãe, assim como todas as mulheres desse grupo étnico de sua geração, após ter sido repatriada pela Alemanha, foi deportada para um campo de concentração, onde ficou presa por cinco anos. Além disso, em 1987, a escritora fugiu da ditadura romena, estabelecendo-se na Alemanha Ocidental, onde, como outros dissidentes, não foi bem recebida pelos alemães. Em entrevista, explica a importância de registrar o que vivenciou:

Não supero nada. Superar é uma palavra muito positiva. Ao escrever, conseguimos compreender melhor o passado. Mas, quando termino, estou de novo como comecei. Todo mundo vive com as suas recordações. Não podemos lavar as nossas cabeças por dentro e dizer: “Agora é o momento zero”. (RUETHER, 2011, s. p.).

83

Todo testemunho é único e insubstituível e representa exemplos daqueles que vivenciaram atrocidades inomináveis. E, assim, a história vem sendo apresentada por meio de relatos de sobreviventes que narram suas experiências, a fim de compartilhar, quiçá compreender, o que aconteceu e as razões dessas atrocidades, para lidar com os impactos delas em sua vida. Colocar o vivido em um ordenamento narrativo, na *mise en intrigue* (RICOUER, 1997), possibilita a construção de um sentido, permitindo a refiguração do passado em que habita o horror inominável.

É nessa refiguração que testemunho e história se interpenetram, guiadas pelo fio da dor e do trauma, lançando luz sobre o passado. Ambas se complementam e possibilitam maior entendimento acerca das mudanças sociais e políticas ocorridas na

⁴ A escritora escreve em alemão, sua língua mãe, como forma de resistência, sendo autora de vasta obra, como *Já então a raposa era o caçador*, *A terra das ameixas verdes*, *Hoje preferia não ter me encontrado*. Recebeu vários prêmios, como o *Prêmio Europeu de Literatura Aristeion* (1995), o *International IMPAC Dublin Literary Award* (1998) e, em 2009, o *prêmio Nobel de Literatura*.

sociedade, uma vez que a memória do testemunho pode questionar e relativizar a história oficial.

Jaime Ginzburg (2008) afirma que o estudo do testemunho exige uma concepção da linguagem como campo associado ao trauma. A escrita, neste caso, não é espaço dedicado ao ócio ou ao comportamento lúdico, mas ao contato com o sofrimento, seus fundamentos e suas consequências, por mais que sejam, muitas vezes, obscuros e repugnantes. O século XX estabeleceu-se como tempo propício para o testemunho, em virtude das guerras e dos genocídios. Para o sujeito da enunciação do testemunho, entre o impacto da catástrofe e os recursos expressivos, pode haver um abismo intransponível, de sorte que toda formulação pode ser imprecisa ou insuficiente.

Seligmann-Silva destaca que

na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. Ao pensar nesta literatura, redimensionamos a relação entre linguagem e o real: não podemos mais aceitar o valedito dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao firmar simplesmente que “tudo é literatura/ficção”. Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da “realidade”, mas da nossa capacidade de percebê-la e simbolizá-la. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 49-50)

O horror também foi vivido nos campos de prisioneiros da União Soviética, antes, durante e após as Guerras Mundiais, e muito ainda há que ser elucidado sobre esse passado. A História passou por diversas transformações quando se trata de conhecimento, e o testemunho, que antes não desfrutava de muito reconhecimento, transformou-se em um elemento de especial relevância no que diz respeito à historiografia, visto que permite aproximar experiências de quem presenciou o passado com os registros oficiais do mesmo período. As vítimas de eventos de experiência-limite são, por conseguinte, atores históricos do século XX fundamentais e, por meio de seu testemunho, engendram narrativas de seu próprio tempo, ampliando, com isso, as possibilidades de compreensão por parte da História.

Assim sendo, à guisa dos pressupostos teóricos ora apresentados, ater-nos-emos à obra *Tudo o que tenho levado comigo*, de Herta Müller, na tentativa de perceber como o relato, único e insubstituível, engendra a experiência do vivido, promovendo reflexões acerca dos fatos históricos.

Vamos, então, ao Gulag apresentado na literatura de Herta Müller.

Tudo o que tenho levado comigo

A obra *Tudo o que tenho levado comigo* foi baseada em relatos que Herta Müller registrou em cadernos a partir de conversas com pessoas deportadas para os campos de trabalho forçado na União Soviética. Entre elas, Oskar Pastior, que relatou detalhadamente suas vivências no Gulag ao longo de cinco anos de prisão. O objetivo de ambos era escrever juntos o romance, mas Pastior faleceu antes disso, de forma que a escritora tomou para si a tarefa, com base no testemunho deixado por ele e por outros sobreviventes.

Publicada em 2009, na Alemanha, a narrativa nos chega pela voz do protagonista Leopold Auberg, que, com quase oitenta anos, relembra os anos de sua juventude, dos dezessete aos vinte e dois, quando esteve preso em um campo de trabalho forçado. Assim como Pastior, o protagonista é homossexual, o que, por si só, constituía crime passível de punição mediante prisão ou morte. Embora a narrativa enfoque um personagem fictício, consideramos a obra como de testemunho e de trauma, uma vez que a história foi elaborada, como afirmamos, a partir dos cadernos de anotação de Pastior e de relatos de outros deportados, recolhidos pela escritora. Além disso, a vida de Herta Müller e de sua família também é perpassada por perseguições e prisões vivenciadas no período pós-guerra, o que imprime ao discurso a faceta do trauma. Nesse sentido, é importante destacar o seguinte trecho, em que a escritora explica a gênese da sua obra:

Quando, em 2006, Oskar Pastior morreu repentinamente, eu tinha quatro cadernos repletos de anotações manuscritas, além de esboços para alguns capítulos. Depois de sua morte, fiquei como paralisada. A proximidade pessoal que as anotações propiciavam fez com que a perda se tornasse ainda maior. Somente depois de um ano, consegui obrigar-me a me despedir do “nós” e escrever este romance sozinha. Porém, sem os detalhes de Oskar Pastior sobre o cotidiano no campo de trabalho, eu não teria conseguido fazê-lo. (MÜLLER, 2011, p. 298).

Sobre isso, recorremos a Paul Ricoeur, que discute o entrelaçamento da memória individual e da coletiva:

o testemunho não é considerado enquanto proferido por alguém para ser colhido por outro, mas enquanto recebido por mim de outro a título de informação do passado. [...] Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento do ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. (Ricoeur, 2007, p. 131)

O autor acrescenta que a memória individual assenhoreia-se de si pelo fato de a experiência individual pertencer a um grupo. Logo, a narrativa ficcional advém da memória individual reconhecida e tornada coletiva, na medida que o memorialista consultado — Oskar Pastior — e a memorialista escritora pertencerem a um grupo, que

em dado momento da história vivenciou o horror e as consequências deste. Somos feitos, portanto, das memórias dos outros, em um processo de alteridade, até o ponto de não ser mais possível distinguir o individual do coletivo, como em um processo de mimese da memória do outro experimentada pelo sujeito, a partir de um terceiro, e assim por diante.

O narrador protagonista de *Tudo o que tenho levado comigo* relata o que viveu na macabra viagem, tal como o narrador benjaminiano que regressa e dá a conhecer o que viu e viveu. Trata-se de um narrador mediador, uma vez que é ele quem conduz o receptor pelas veredas da narrativa, sendo responsável por mostrar e esconder e por envolver o leitor no narrado. Leopold Augberg registra a vida no Gulag, revelando detalhes da permanente luta contra a fome, da constante presença da morte e dos sentimentos mediante o tratamento desumano a que os prisioneiros são submetidos.

Na madrugada de 15 de janeiro de 1945, o protagonista, juntamente com outros homens e mulheres, foi levado pela patrulha russa. A viagem, em vagões de transporte de animais, em uma temperatura de -15° C, prenunciava o indizível, mas a gravidade do que estava por vir não tinha sido imaginada pelos aprisionados: “O que poderia haver nas palavras DEPORTADOS PELOS RUSSOS passava pelas nossas cabeças, mas não pelo espírito” (MÜLLER, 2011, p. 21). Inicialmente, Leo sente alívio com a ideia da viagem, pois imaginava ir a um lugar maior, onde pudesse ser mais livre, sem esconder sua homossexualidade, sempre vigiada e experimentada em encontros fugazes no parque de sua cidade. Ele sabia o perigo que seus encontros representavam, pois quem fosse descoberto seria morto ou enviado à prisão, da qual, “[...] quem retornava [...] o fazia transformado num cadáver ambulante. Envelhecido e arruinado, inservível para qualquer tipo de amor neste mundo” (MÜLLER, 2011 p. 13).

O trem que levou os prisioneiros é emblemático, pois era empregado para transportar animais, antecipando o que os aguardava no campo, nivelando-os a animais amontoados, sem privacidade, despersonalizados, como se percebe no trecho a seguir:

Em um vagão de animais desaparece qualquer singularidade. Está-se mais entre outros do que consigo mesmo. Também não eram necessárias cerimônias. Apoiávamo-nos mutuamente como em casa. Talvez eu fale apenas de mim mesmo, quando relato isto hoje. Talvez nem de mim mesmo. Talvez a estreiteza no vagão de animais tenha me amansado, porque eu queria ir embora de qualquer jeito, e na mala ainda havia comida suficiente. Não tínhamos a menor ideia de que em breve a fome selvagem cairia sobre nós. Quantas vezes, nos cinco anos que se seguiriam, quando o Anjo da Fome nos visitasse, nos pareceríamos com essas cabras lívidas e duras. E quanto lamentaríamos tê-las perdido. (MÜLLER, 2011, p. 22-23)

Mediante o paradoxo do necessário testemunho e da impotência das palavras, o narrador faz uso de metáforas, personificações e neologismos. A palavra *Hasoweh* é, por

exemplo, uma contração das palavras alemãs Hase (coelho) e Weh (dor) - Hasoweh é o som do trem, é o gás que aquece, é a fome, é a dor do trabalho no campo; e a personificação da fome, pela imagem do Anjo da Fome. A oposição entre a fragilidade do coelho e a dor lancinante remete à impotência dos presos diante da violência do sistema dos campos de trabalho forçado. Essas criações remetem-nos à observação de Levi (ano), quando afirma que “a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem” (Levi *apud* SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 15), de modo que se faz necessária a criação de neologismos no intento de melhor expressar o indizível.

A própria organização textual remete-nos àquilo que restou ao protagonista após a prisão, ou seja, fragmentos de si. O terror e a miséria vivenciados ganham expressividade em capítulos fragmentários, curtos e que não apresentam os fatos de forma totalmente linear, mas a partir de temas. Capítulos inteiros são dedicados ao carvão, às ervas comestíveis encontradas no pátio e cozidas com água, à fome, a pequenos objetos que o mantiveram consciente e lúcido perante a realidade vivida.

A fome é personificada pela Anjo da Fome, que acompanha cada um dos presos e, como um ladrão, rouba-lhes o cérebro, ou seja, a capacidade de pensar e de discernir. A alimentação era pouca e de má qualidade, sendo constituída de um pão grudento e de sopa de repolho, muitas vezes, sem repolho, insuficiente para a jornada de trabalho braçal pesado a que eram submetidos os presos. A técnica dos internos era guardar parte do pão da manhã para comer à noite e comer lentamente a sopa servida duas vezes por dia. O narrador reflete:

O que se pode dizer sobre a fome crônica. Pode-se dizer: existe uma fome que te deixa doente de fome. Que se soma, ainda mais fome, à fome que já se tinha. A fome sempre renovada, que cresce insaciável, e que salta para dentro da eterna e tão trabalhosamente amansada antiga fome. Como se anda pelo mundo quando não se tem nada mais a dizer sobre si mesmo, além do fato de estar com fome. Quando não se consegue pensar em mais nada. E o céu da boca é maior do que a cabeça: uma cúpula, alta e sonora até o crânio. Quando a fome fica insuportável, ela se estende até o céu da boca, como se tivessem colocado uma pele de coelho fresca para secar atrás do seu rosto. As faces murcham e se cobrem com uma pálida penugem. (MÜLLER, 2011, p. 26-27)

Muitos presos morriam de frio, fome, doenças decorrentes das más condições de vida. Alguns perdiam partes do corpo, que congelavam no inverno rigoroso, já que não havia roupa ou calçados para protegê-los do clima severo. Outros deixavam-se morrer por não mais suportarem a vida no campo, como Irma Pfeifer, que se deixou cobrir de massa de concreto, morrendo afogada, em pé.

O trabalho excessivo e a má alimentação paralelamente à privação da liberdade e à falta de agasalhos e calçados comprometiam a saúde de distintas formas:

Poliartrites, miocardites, dermatites, hepatites, encefalites, pelagra. Distrofia, com a boca torta, chamada *cara de mico morto*. Distrofia com mãos frias e rígidas, chamada *garra de galo*. Demência. Tétano. Tifo. Eczema. Ciática. Tuberculose. Então vem disenteria com sangue claro ao evacuar, furúnculo, úlcera, atrofia muscular, pele ressecada com gretas, periodontite com perda de dentes, dentes podres. (MÜLLER, 2011, p. 151-152).

Nesse contexto, a possibilidade de morrer era uma constante, e os mortos, muitos, o que, de certa forma, anesthesiava os presos diante da tragédia. O trauma da iminência da morte – por frio, fome ou fuzilamento – marca o protagonista. Nesse sentido,

A morte instaura, pois, uma rutura dentro da vida, ao sublinhar a vulnerabilidade da existência, a precariedade do ser, a finitude humana. Daí, a obsessão da sobrevivência revela no homem a preocupação de conservar a sua individualidade para além da morte, ao que Edgar Morin (*id.*:35-36) chama de "*triplo dado da morte*" e que revela uma inadaptação fundamental: o homem tem consciência do facto "morte", dado reconhecê-la como acontecimento perturbador, e a tomada de consciência do aniquilamento conduz à sua negação na recusa da lei da natureza, que lê claramente na decomposição, o o que lhe provocará um sentimento traumático – o horror da morte é a *consciência da perda da individualidade*. (GUERREIRO, 2014, p. 175-176)

A consciência da perda da individualidade guarda em si a vergonha dessa nudez ontológica, que necessariamente é o fim de todos, mas que, nos campos, é ainda mais marcante pela falta de privacidade, a falta do cuidado e a falta do rito de despedida. Situação que se constitui em objetificação do ser, o qual, inservível, tem seu corpo eliminado.

A individualidade dos presos relaciona-se também aos objetos trazidos por eles na viagem, vestígios de um mundo que lhes é interdito mediante o aprisionamento. Restos da identidade do que foram, mas que, após a libertação, transformam-se na traumática lembrança que os assombra infinitamente. Assim, novamente em casa, a mala de Leo torna-se seu armário, já que, para viver, basta o pouco.

Com a morte, os despojos dos que pereceram eram recolhidos pelos outros, que se valiam das roupas e dos calçados para se aquecerem:

É necessário despi-lo rapidamente, enquanto ele ainda se mantém flexível e antes que outro leve a sua roupa. É necessário tirar do travesseiro o pão economizado, antes que outro apareça por lá. A coleta é nossa forma de luto. Quando a maca chega ao alojamento, os dirigentes do campo de trabalho não devem ter nada para levar embora, além do próprio cadáver. [...] O campo de trabalho é um mundo prático. Não podemos dar-nos ao luxo de sentir vergonha ou horror. Atua-se com uma estável indiferença, talvez uma acovardada satisfação. (MÜLLER, 2011, p. 150).

A miséria, o frio e a fome desumanizam os presos, que buscam sobreviver nos campos. Seus objetos e suas roupas eram, também, vendidos em troca de comida ou mesmo de uma porção de sal ou de açúcar. E as atividades desenvolvidas pelos presos eram designadas a partir do estado físico de cada um, em um cruel sistema de gestão administrativa de divisão do trabalho, que considera as pessoas apenas como força motriz da produção:

Tur Prikulitsch escrevia nas rubricas ao lado dos nossos nomes: colcozes, fábrica, entulheiras, transporte de areia, trechos de linha de trem, canteiro de obra, transporte de carvão, garagem, bateria de coque, escórias, porão. Tudo dependia do que estava escrito ao lado do nome. Se ficaríamos cansados, muito cansados ou mortos de cansados. Se depois do trabalho teríamos tempo e forças para o comércio ambulante. Se poderíamos revolver despercebidos o lixo da cozinha atrás do refeitório. (MÜLLER, 2011, p. 31).

Todo esse esforço físico era mantido com pão e sopa, de modo que a indigência a que eram reduzidos não mais permitia a diferenciação entre homens e mulheres:

Já que na trindade de pele, ossos e água distrófica não é possível diferenciar entre homens e mulheres, as diferenças entre os sexos ficam em suspenso. Continuamos dizendo ELE ou ELA, como falamos o *pente* ou a *barraca*. E assim como estes, os semimortos-de-fome não são masculino ou feminino, e sim objetivamente neutros, como objetos, mais prováveis do gênero neutro. (MÜLLER, 2011, p. 160).

89

Despersonalizados, despojados da aparência identificadora de gênero, da feminilidade e da masculinidade. Como mortos-vivos, eram mantidos em um processo de desumanização e de erosionamento do EU, em uma humilhação e dor coletivas.

Importante na luta pela sobrevivência eram as palavras. Na noite da partida, a avó lhe disse que sabia que ele voltaria, frase que acompanhou Leo Augberg como um mote para a resistência às investidas da morte. E quando a fome se tornava insuportável, os presos lembravam as refeições de sua infância e o nome do que era comido normalmente em suas casas, sendo que as palavras como que os preenchiam pelas sensações proporcionadas pela memória acionada pelo signo linguístico. Nesse caso, a palavra, em um processo de semiose ilimitada, presentifica o passado, aciona a memória afetiva e atua como mecanismo de superação do desespero dos famélicos. Trauma que se instalou para nunca mais abandonar o protagonista: “Desde a minha volta do campo de trabalho há sessenta anos, eu como lutando para não morrer de fome” (MÜLLER, 2011 p. 27).

Apesar do horror da vida no campo, o regresso ao lar não se converteu em redenção. De um lado, havia o silenciamento sobre o que acontecera na prisão, pois era norma não falar sobre essa experiência, o que fez com que sua família não lhe

perguntasse nada. Situação artificial e sufocante, que instituía o distanciamento entre eles: “Eu já estava havia meses em casa, onde ninguém sabia o que eu tinha presenciado. E ninguém perguntava. Só é possível contar quando somos capazes de transmitir nossas experiências” (MÜLLER, 2011 p. 270).

De outro lado, os próprios sobreviventes, mediante a vergonha pelas humilhações e privações sofridas, buscam a reclusão e, ao se reencontrarem, não se reconhecem propositalmente. A cumplicidade da dor e do sofrimento impede o reencontro, o qual, necessariamente, os obrigaria a reconhecer tudo o que lhes foi impingido e, por conseguinte, revivê-lo. É o que ocorre quando Leo e Trudi Pelikan, colegas de campo, se cruzam nas ruas da pequena cidade natal: “Por nosso próprio bem, não quisemos mais nos reconhecer. Não há nada a entender nisso” (MÜLLER, 2011, p. 179).

A vida de Leo, depois dos campos de trabalho, é um andar sem rumo, repleto de inaptações. Para não fugir da perseguição por ser homossexual, casa-se, mas após alguns anos, muda-se sozinho para a Áustria, fugindo de seu país. Tem dificuldades de se relacionar com a família e com outras pessoas: “Nada me interessava. Eu estava trancado em mim mesmo e excluído de mim mesmo, eu não pertencia a eles, e sentia a minha própria falta” (MÜLLER, 2011, p. 272).

A longa submissão a condições desumanas deixou marcas indeléveis:

Eu desaprendera a comer com garfo e faca. Não só minhas mãos tremiam, mas também tinha problemas ao engolir. Eu sabia como era passar fome e como se estica ou devora a comida ao tê-la finalmente. Quanto tempo se mastiga e quando se deveria engolir; contudo, comer com boas maneiras era algo que eu não sabia mais. (MÜLLER, 2011, p. 275).

Leo descobre-se um estrangeiro em sua própria cidade. Os traumas e os fantasmas do tempo da prisão continuavam a fazer parte de sua vida, assim como o medo de ser preso novamente.

Depois dos cinco anos no campo de trabalho eu vagava dia após dia pelo tumulto das ruas, ensaiando mentalmente as melhores frases para o caso de ser preso: PRESO EM FLAGRANTE - pensei em mais de mil desculpas e álibis para essa acusação. Levo comigo uma bagagem silenciosa. Fechei-me tão profundamente e por tanto tempo no silêncio que nunca consigo abrir-me através das palavras. Apenas me fecho de outras formas quando falo. (MÜLLER, 2011 p. 13).

O retorno de Leo não deixou, nesse sentido, a família confortável — nem a ele mesmo, paralisado pelas memórias: “Ninguém mais pode agarrar-se a mim. Fui educado pela fome e sou inalcançável, por humildade, não por orgulho” (MÜLLER, 2011, p. 249).

Leo sofre do que Seligmann-Silva, em seus estudos sobre literatura e trauma, conceitua como “síndrome do sobrevivente”, ou seja, o sobrevivente é caracterizado por uma situação crônica de angústia e depressão, marcada por distúrbios de sono, pesadelos

recorrentes, apatia, problemas somáticos, anestesia afetiva, “automatização do ego”, incapacidade de verbalizar a experiência traumática, culpa por ter sobrevivido e um trabalho de trauma que não é concluído (Niederland *apud* SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 6). Assim, Leo refugia-se no trabalho, pois lhe é insuportável ser livre e as palavras “DE LÁ NUNCA MAIS SAIREI” (MÜLLER, 2011, p. 293) estão em seu cérebro, aprisionando-o para sempre.

Considerações finais

A obra *Tudo o que tenho levado comigo*, de Herta Müller, retoma o passado por meio de um narrador em primeira pessoa, que expressa sua experiência de cinco anos preso em um campo de trabalhos forçados na União Soviética, após o fim da 2ª Guerra Mundial. Leo Augberg, o protagonista, é um jovem homossexual romeno de origem alemã de dezessete anos. Como outros do mesmo grupo étnico, foi preso sob a acusação de ter apoiado as forças nazistas, sendo obrigado aos trabalhos forçados.

Apesar de ser um personagem fictício, consideramos a obra como sendo de testemunho e de trauma, tendo em vista que o protagonista é inspirado em Oskar Pastior, que registrou suas memórias em cadernos, com o auxílio da escritora, a qual também pertence a esse grupo e cuja mãe igualmente estivera presa. Nessa perspectiva, o trauma e o testemunho perpassam a dimensão autoral do romance e, portanto, subjazem à refiguração do passado.

A obra expressa a dor tornada coletiva pelos testemunhos que se entrecruzam e se complementam na trama fictícia, revestindo os fatos rememorados de ressentimento, culpa e vergonha. A malha narrativa é habitada, assim, por vozes que, de outra forma, ficariam silenciadas, mas que, pela literatura, ecoam e intentam ser ouvidas. Testemunhas do horror que toma seus corpos tornados objeto do sistema de opressão, úteis à produção enquanto tiveram força para os trabalhos em condições abjetas. Possibilita o ressoar do medo, do pavor, do ódio, da vergonha, da culpa, do desejo de justiça que rompem o silêncio e mostram ao leitor o que foi um Gulag, sistema mantido em segredo e que apenas no final do século XX foi tornado público.

A perda da individualidade e o despojamento de tudo o que pertence ao sujeito, inclusive sua vontade e sua força, experienciados no campo, aniquilam o Eu, impedindo-o de realmente ligar-se a outros após a libertação. Abre-se um abismo entre o Eu e o si-mesmo, não passível de reconstituição. Assim, tudo o que tem, o protagonista leva consigo, já que, diante da perda de si e da individualidade, que estilhou o Ego, pouco é necessário: “Levo comigo uma bagagem silenciosa” (MÜLLER, 2011, p. 13).

Pela malha narrativa, a literatura aproxima-se da história. Elas se entrecruzam, se interinfluenciam e se inter-iluminam. Cada uma com suas verdades, mesmo que provisórias, constituem um chamamento ao leitor, para alertá-lo a vigiar o que ocorre à sua volta, pois, como afirma Ricoeur (1997, p. 327), “talvez haja crimes que não se devam esquecer, vítimas cujo sofrimento peça menos vingança do que narrativa. Só a vontade de não esquecer pode fazer com que esses crimes não voltem *nunca mais*”.

Tudo o que tenho levado comigo entrecruza ficção e história, apresenta o testemunho e o trauma e, com isso, cumpre a função da literatura de revelar, diante dos olhos assombrados do leitor, aquilo de que o homem é capaz.

Referências

ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e escrita: uma articulação entre a literatura de testemunho e a psicanálise**. Rio de Janeiro, 2016. f. Tese (Doutorado em Memória Social), CCHS, UFRJ, 2016. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Teses/Tese57.pdf>. Acesso em: 10 de fev. 2024.

APLEBAUM, Anne. **Gulag: uma História dos Campos de Prisioneiros Soviéticos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio d'água, 1992.

FINAZI-AGRÒ, Ettore. **Nefas: palavras e imagens da violência na moderna literatura brasileira**. In: SELIGMANN-SILVA, M.; GINZBURG, J.; HARDMAN, F. F. Escritas da violência. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 81-82.

GINZBURG, Jaime. **Autoritarismo e literatura. A história como trauma**. Vidya Revista Eletrônica. Jan.-jun. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/533> . Acesso em: 14 fev. 2024.

_____. **Linguagem e trauma na escrita do testemunho**. Revista Conexão Letras. Porto Alegre, v. 3, n. 3, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaolettras/article/view/55604> Acesso em: 10 dez. 2023.

GUERREIRO, Emanuel. **A ideia de morte – do medo à libertação**. Revista Diacrítica. vol. 28, n.2, Braga, 2014. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672014000200012. Acesso em: 20 jan. 2024.

HARTMAN, Geoffrey. **Holocausto, testemunha, arte e trauma**. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MÜLLER, Herta. **Tudo o que tenho levado comigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas/SP: Papirus, 1997.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RUETHER, Graça Magalhães. Nobel de Literatura em 2009, Herta Müller fala da dura experiência de escrever sobre o passado nazista, refugiado e dissidente de sua família. **O Globo**. Nov. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/nobel-de-literatura-em-2009-herta-muller-fala-da-dura-experiencia-de-escrever-sobre-passado-nazista-refugiado-dissidente-de-sua-familia-2709850> . Acesso em: 29 nov. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura e trauma**. Revista Pro-Posições, ano 13, n. 3(39), 2002. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf> . Acesso em: 4 jan. 2024.

_____. (Org.) História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **Testemunho da Shoah e literatura**. Revista Eletrônica Rumo à tolerância. FFLCH-IEL-UNICAMP, 2008, p. 1-16. Disponível em: http://www.rumootolerancia.fflch.usp.br/files/active/0/aula_8.pdf. Acesso: 18 abr. 2023.